

A CRISE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E O RESGATE DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

*Manuela Pires Weissböck/UNICENTRO*¹

*Paulo Guilhermeti/UNICENTRO*²

Vivemos numa sociedade dita do conhecimento que exige educação e reeducação permanentes. Por isso, a educação vem sendo considerada como a melhor solução para o desenvolvimento e a modernização do país, sobretudo, pelos seguidores da teoria do capital humano. No entanto, há certa contradição que envolve a educação atual. Existe a sensação de quem atua no magistério que essa atividade vem se tornando cada vez mais mera formalidade destituída de objetivos, métodos e conteúdos. Parece que a formação, como experiência sedimentada, de longo prazo não está mais presente nas escolas. Os professores estão mais empenhados em buscar mecanismos e alternativas para que os alunos suportem o tempo que estão nas salas de aula, talvez seja por essa razão que encontramos a exarcebada preocupação de muitos educadores em formação, e boa parte daqueles que já atuam no magistério, com a “prática pedagógica”, em detrimento da necessidade de uma formação teórica mais sólida. Tal situação caracteriza o processo de socialização de falsas experiências, que Adorno (1997) denomina semiformação.

Essa situação pode ser explicada pela falta de evidências dos objetivos educacionais. Parece que os profissionais da educação não levam em consideração os fundamentos da educação na orientação de sua prática, assim, torna-se importante promover uma discussão sobre esta questão.

O objetivo deste texto é fazer uma análise da crise da educação brasileira a partir dos fundamentos filosóficos da educação que envolvem a formação e atuação do educador.

A análise terá quatro momentos: o primeiro aponta a crise da educação; o segundo discute a relação entre educação, filosofia e filosofia da educação; o terceiro, trata da filosofia da educação na formação e prática do educador; e o quarto momento retoma a formação do educador e o resgate da experiência formativa.

A CRISE EDUCACIONAL: FORMAÇÃO E CONTRADIÇÃO

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO e bolsista do Programa BIC/UNICENTRO.

² Professor Adjunto do Departamento de Pedagogia da UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná e Doutor em Educação.

É cada vez mais evidente que a crise da educação é estrutural e não apenas conjuntural como apontam os resultados de pesquisas que revelaram a difícil situação da educação brasileira na atualidade.

O Brasil ficou em último lugar nas provas de leitura, matemática e ciências do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que mensurou o conhecimento de alunos de 15 anos em 32 países (28 países desenvolvidos e 4 em desenvolvimento). Os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM - confirmaram a expectativa: estamos hoje, piores do que o ano passado, com uma redução das médias, tanto nas provas objetivas, quanto na redação. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro, ligado ao IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - evidenciou o grau elevado de analfabetismo funcional no país. Quer dizer que, além dos quase 10% de analfabetos, temos outros 65% que, embora saibam assinar o nome, têm grandes dificuldades para entenderem o que lêem. Na verdade, apenas um quarto dos brasileiros realmente está apto a ler e a escrever, e, a constatação mais eloqüente: um analfabeto confesso “chutou” as respostas no vestibular, não fez a prova de redação e, mesmo assim, entrou em nono lugar na Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Esta situação logo depois se repetiu na Universidade Gama Filho, também no Rio de Janeiro (BUENO, 2006; ALENCAR, 2006; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006).

Além desta situação cultural do país, assistimos a um crescente desinteresse dos jovens pela carreira do magistério. A situação profissional do educador gera uma sensação de impotência em função dos baixos salários, da falta de garantias e condições adequadas de trabalho. O ingresso na licenciatura não é cogitado, muitas vezes, porque a carreira não tem o mínimo de atrativo e tampouco futuro.

A crise e o desprestígio em relação ao magistério expressam uma condição preocupante, pois a formação escolar é talvez, a única opção que resta aos filhos da classe trabalhadora de ter acesso à cultura erudita e a uma educação para a cidadania. Assim, fica claro que, mais do que aplicar novas filosofias educacionais, hoje é necessário compreender esse fenômeno e resgatar a importância dos objetivos da educação para uma prática pedagógica mais consciente. Isto implica repensar o que é educação e qual é a sua função social.

EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

A educação numa dimensão antropológica considera que o homem precisa produzir todos os elementos necessários à sua existência, que podem ser, tanto de ordem material quanto de ordem espiritual. Deve ainda, valorizar os elementos retirados da natureza e da cultura, pois somente dessa maneira poderá intervir, aceitar, rejeitar e transformar a realidade. Aranha (1996) pensa a educação como uma “ação de apropriação” e também uma “ação para a autonomia”, como condição para o homem transformar o meio, promovendo sua humanização. Por isso, a autora afirma que “[...] a educação não pode ser

compreendida à margem da história, mas apenas no contexto em que os homens estabelecem entre si as relações de produção da sua própria existência” (p. 52).

Em um sentido amplo, a educação promove as condições necessárias para a formação de habilidades, de caráter e de uma personalidade social que envolve as experiências da vida, portanto, a educação e a vida não se separam, ou seja, a educação não é para a vida, mas é a própria vida. Assim, ela propicia ao indivíduo conhecer os elementos necessários a sua existência, subsidia ações para que ele possa ampliar sua liberdade, sua comunicação e a colaboração com os seus pares. Além disso, a educação pode ser entendida como modalidade técnico-produtiva de trabalho e ação política que inter-relaciona as pessoas e os grupos tornando-se prática simbolizadora dos bens culturais e de mediação entre prática e conhecimento, entre ações e significações.

Diante desse universo abrangente e complexo que envolve a vida contemporânea, a prática da educação em seu duplo caráter “apropriação de cultura e autonomia” – necessita ser consciente da sua função social: precisa ter como apoio, a filosofia. Essa se apresenta como o propósito fundamental que auxilia o educador-filósofo na emancipação do seu pensamento e posteriormente, na configuração da consciência do educando em se tornar um sujeito capaz de refletir acerca de suas ações e das estruturas presentes no ambiente em que vive. Portanto, a filosofia é a contribuição necessária para a aproximação entre o sujeito e a realidade.

Como a educação possibilita criar o novo, superar o velho e afirmar a autonomia dos sujeitos é através da filosofia da educação que se questiona e se definem os objetivos educacionais. Ela é a reflexão crítica da prática docente que procura explorar o significado das condições humanas, no mundo e suas relações. Quando o educador percebe o espaço que a filosofia da educação ocupa tanto na sua formação quanto na prática, compreende o sentido da práxis que está ligada ao ato educativo como crítica e transformação da educação. Ao analisar a prática do educador, Paulo Freire (1997, p. 112) afirma: “[...] a prática docente crítica implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea ‘desarmada’, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo [...] a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito”.

Por isso, Freire (1997) acredita que a prática do educador está intimamente ligada a sua reflexão e a ação educativa que exerce. Portanto, o papel fundamental da filosofia, como um corpo de conhecimento ou um esforço que o ser humano faz para compreender o mundo é dar sentido à educação, aos objetivos da ação pedagógica e às suas mediações com o mundo. A ação pedagógica é uma atividade sistemática, em que as pessoas interagem a partir das relações que o homem estabelece como mediação da prática social. O educador é parte orgânica desse processo dialético de apropriação e emancipação, e, quando essa ação reflexiva acontece, a filosofia da educação firma o conteúdo cultural como momento privilegiado da experiência formativa.

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DO EDUCADOR

A compreensão da educação passa pelo entendimento da natureza humana. Podemos assim, afirmar que a educação, como um produto do trabalho não-material, envolve os elementos necessários à formação do indivíduo. Ao tomar a cultura erudita, isto é, a filosofia e a ciência como objetos de estudo, a educação formal sistematiza esses conhecimentos para favorecer sua apropriação e diferencia-se da educação informal, que tem nas experiências espontâneas do cotidiano e nas relações interpessoais o seu resultado. Independente do caráter e da modalidade da educação, o resultado desse processo deve ser a humanização dos homens. Se a educação tem como princípio ético a ampliação dos horizontes humanos e a autonomia dos indivíduos, tal exigência deve ser considerada como necessidade de uma experiência formativa autêntica. Entretanto, as condições objetivas com as quais os homens se defrontam, atualmente, não estão favorecendo o desenvolvimento da formação cultural nessa perspectiva antropológica. Pelo contrário, o que assistimos hoje em termos educacionais e culturais é um crescente processo de alienação e até regressão que envolve as práticas e experiências formativas tanto na educação formal, quanto na educação informal. Talvez, o que pode retratar este triste quadro da educação atual é a tendência à “negação do pensar” e seu desdobramento em semiformação. Ao se referir a essa situação, Adorno (1997) diz: “[...] a formação cultural não tem outra possibilidade de sobreviver senão pela auto-reflexão crítica sobre a semicultura, em que necessariamente se converteu” (p. 410). Assim, a educação como ato formativo, “[...] só terá pleno sentido como educação para a auto-reflexão crítica” (ADORNO, 1986, p. 35), refletir torna-se um ato de retornar, reconsiderar o que está disponível na busca de um significado, portanto, é filosofar. Isto se consolida quando algumas exigências são levadas a sério no ato de pensar com radicalidade, rigor e totalidade. A radicalidade consiste em levar uma questão a ser entendida em suas raízes, seus fundamentos. A rigorosidade está vinculada a métodos determinados ao seu entendimento e a totalidade ou a noção de conjunto, refere-se ao fato de que um aspecto não pode ser analisado separadamente, e sim, no contexto das relações em que está inserido. É, portanto, a filosofia da educação determinante nas análises e soluções para determinadas problemáticas no âmbito da formação cultural dos sujeitos.

A filosofia da educação é um fundamento que possibilita buscar um sentido aos processos da educação, construindo uma relação dialética entre educador e educando. Como prática social, contribui para a busca dos reais objetivos da educação enquanto reflexão que sustenta valores da ação pedagógica, do agir humano e de sua valorização enquanto sujeito ativo da sociedade. O que deve levar o educador a filosofar são os problemas que surgem de sua tarefa profissional. Na formação de educadores, a filosofia tem o objetivo de oferecer métodos reflexivos para encarar os problemas

educacionais em sua complexidade. Esse instrumental pode auxiliar os educadores na busca de soluções para os problemas que envolvem a educação, tornando esta, uma prática mais humana.

É importante diante deste quadro, resgatar a formação do educador em dimensões históricas, sociais e culturais. Esta reflexão possibilita um espaço para o debate de temas, conceitos e teorias filosóficas que envolvem a ação pedagógica e o processo dialético de apropriação cultural e afirmação da autonomia. A formação do educador necessita de três bases teóricas: uma científica, uma política e outra filosófica. A formação científica retrata a importância dos instrumentos e metodologias adequadas à operacionalização dos objetivos da educação; a formação política busca a apropriação da consciência social sobre o mundo e sua necessária transformação; e a formação filosófica está ligada à ação pedagógica inserida num projeto antropológico emancipador.

Neste contexto, é importante entender a prática do educador, a qual deve ser um processo que socializa e desenvolve o saber sistematizado, exigindo apropriação de conhecimentos e de instrumentos que promovam a passagem do não-domínio ao domínio adequado do objeto da aprendizagem. Uma prática pedagógica mais efetiva consiste, por um lado, em resgatar os objetivos da educação e, por outro, na organização dos planos de ensino para dinamizar a ação que envolve os alunos, os conteúdos e a apropriação da proposta da escola. O educador, em sua prática, preocupa-se com a “libertação” do educando. Isto significa que ele se apropria, domina e internaliza os conhecimentos, operando sua própria estrutura cognitiva para superar o saber espontâneo numa concepção dialética. Isto só acontece, quando o educador reflete sobre seu trabalho pedagógico. Paulo Freire (1987) enfatizou esta idéia ao afirmar que: “Estamos convencidos [...] de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática” (p. 87).

A reflexão, como ação principal da prática educativa, tem sua importância expressa quando há decisões coerentes na ação pedagógica, e isso manifesta-se com a construção de um “saber analisar” e um “saber querer analisar”, ou seja, quando se ultrapassa situações de ampliação do conhecimento e novas formas de encarar a prática. O domínio dos fundamentos filosóficos da educação revela as possibilidades do processo educacional a partir das condições sociais dadas historicamente. Quando o educador adota procedimentos e critérios de ensino sem reflexão, perdem-se os sentidos e significados das propostas pedagógicas: deixa-se de conhecer os fins do que deve ser ensinado e, ainda, não se mensura a relação entre meios e fins da educação, nem os objetivos comuns à perspectiva metodológica da ação dialética.

Quando a função da prática pedagógica se limita ao “saber não elaborado e não praticado”, o educador não desenvolve seu conhecimento e muito menos o pratica com seus alunos. Este educador sem formação teórica sólida que tem no seu ofício apenas um meio de vida, acredita que a saída é construir um manual para a aula ideal. Realmente não é fácil desvendar os olhos e sair do círculo vicioso de respostas banais acerca das “verdades

salvacionistas” da educação. É importante insistir que o melhor caminho para sair desse círculo é dialogar, questionar e problematizar sobre a prática do educar. Aqui, trata-se de uma atitude diferente. Paulo Freire (1987, p. 80) reconhece esta dificuldade ao perguntar: “Como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?”. Se o educador acreditar que possui a verdade e o saber, nunca fará uma pronúncia do mundo, ou seja, nunca estará em comunhão com outros homens na busca do saber mais. Essa é a condição essencial para a sua formação e reconstrução intelectual.

Neste processo desenvolve-se a ação dialógica: quando se acredita no poder de fazer e refazer, de criar e recriar. Isto acontece quando o discurso e a prática coincidem, quando acontecem simultaneamente, estimulando a confiança no construir e no executar. O diálogo verdadeiro torna-se para o educador crítico um pensar analítico que percebe a realidade como um processo de mudanças e não de acomodações, como pensa o educador ingênuo.

Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* nos faz refletir sobre a concepção da “educação autêntica”. O resultado desta acontece através de um processo “A com B, mediatizados pelo mundo”, ou seja, quando o sujeito aprende com outro sujeito, envolvidos pelo ambiente educacional. Impressionados e desafiados, ambos apontam novas visões de mundo. Podemos entender assim, que a prática do educador é desafiada quando há uma relação com o conhecimento e isso somente tem sentido quando compreendida sua ligação com a filosofia da educação.

É necessário compreender o processo filosófico da prática educativa como uma ação dialética, como uma reconstrução das experiências através da superação teórico-prática da ação. É fundamental, que o profissional da educação compreenda que através da filosofia abre-se um momento à reflexão sobre o espaço onde atua, sobre o educando e sobre sua ação educacional.

FORMAÇÃO DO EDUCADOR E O RESGATE DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Giroux (1997) afirma que a crise da educação atual está intimamente ligada ao crescente enfraquecimento da formação dos professores nos diferentes níveis educacionais, os quais estão cada vez mais subordinados às ideologias instrumentais. Estas concebem a educação como mera ação tecnocrática para a sua preparação e prática, reduzindo seu papel autônomo. O futuro educador nesta perspectiva é visto como um receptor passivo do conhecimento, que pouco participa da escolha do conteúdo e direção do programa educativo. Estes estudantes preocupam-se apenas em aprender “como fazer” ou “o que funciona” e o “domínio de um certo conhecimento”.

A análise de Giroux (1997) contribui para a compreensão da crise educacional brasileira que apresenta uma tendência educacional tecnicista e

uma pedagogia gerencial que subdivide o conhecimento em partes e padroniza a ação pedagógica. Esta diretriz torna o controle mais eficaz e avalia a educação a partir de formas predefinidas. A educação perde seu duplo caráter de apropriação e autonomia tornando-se apenas uma adaptação ao existente. Para romper com a condição da adaptação, um desafio é encarar o educador como intelectual e transformador. Esta tarefa exige dos docentes que levantem questões sobre o que ensinam, como devem ensinar e quais os objetivos maiores que conduzem sua prática.

São dadas as condições objetivas e necessárias para o educador se tornar um intelectual transformador hoje? É necessário admitir que muitos desafios devem ser superados para que o profissional da educação se torne este sujeito diferente, pois sua formação vem se enfraquecendo e conscientemente sua prática vem se alicerçando em ações instrumentais e sem estrutura racional.

Para a formação deste educador intelectual e transformador, é necessário tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico, inserir a escola diretamente na esfera política com o argumento de que estas instituições representam o esforço para definir o significado das relações de poder e de utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos de natureza emancipadora, e que tratem os alunos como sujeitos críticos. Deve haver uma preocupação com a formação de uma linguagem crítica, preocupada com as experiências cotidianas que se relacionam com o processo educativo em sala de aula. Assim, o educador intelectual e transformador precisa desenvolver seu discurso, reconhecendo a necessidade da promoção de mudanças, enquanto resgate da experiência formativa “autêntica”, ou seja, uma atividade significativa que favorece a constituição de sujeitos sociais portadores de pensamentos e atitudes conscientes e autônomas, que são produzidas a partir das suas interações com os outros homens, com a natureza e com a sua própria subjetividade.

Para concluir, é importante considerar que a crise da educação brasileira não é o resultado apenas da questionável competência teórica e técnica dos educadores, mas faz parte de um contexto social de aversão à experiência formativa que torna todos responsáveis pela situação e também pela sua transformação.

A reflexão, aqui desenvolvida, reconhece a necessidade de exigir mais esforços para compreender a lógica da formação e atuação dos educadores que passa pela fragmentação do saber no interior das universidades e à tradição da categoria profissional e opera a partir da especialização, ou seja, a divisão social do trabalho. Assim, a formação e atuação profissional do educador caminham em trilhos diferentes da filosofia da educação que exige uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto.

Buscar esta aproximação é o principal desafio da educação hoje que precisa de uma nova práxis apoiada num trabalho intelectual coletivo.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor. *Teoria da Semicultura*. Tradução de Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci, Cláudia B. M. Abreu, revisão de Paula Ramos de Oliveira. In *Educação e Sociedade: revista de ciência da educação*, 56, ano XVII, dezembro de 1996.

ALENCAR, Semiramis. *Crise constante na educação*. Disponível em: <<<http://users.hotlink.com.br/fico/refl0118.htm>>>. Acesso em: 11/03/2006.

ARANHA, Maria L. Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

BUENO, Wilson da Costa. *A crise da educação brasileira e o jornalismo científico*. Disponível em:

<<<http://www.jornalismocientifico.com.br/cetbrasielcriseeducacao.htm>>>.

Acesso em: 11/03/2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais transformadores*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Pesquisa Nacional de Qualidade da Educação: a escola pública na opinião dos pais*. Disponível em: <<<http://bve.cibec.inep.gov.br/C30+SUPERIOR&letra=E>>>. Acesso em: 11/03/2006.